

## ***Missionary Talk: (re)considerações acerca da polêmica do nascimento virgem***<sup>1</sup>

Rafael Antunes Almeida

Malinowski's explicit statement of the Western folk view, astutely referred to by the Trobrianders as 'missionary talk', should have been a clue to those involved in the Virgin Birth debate, but no one picked it up.

Delaney 1986: 508

### **Introdução**

O objetivo deste artigo é realizar uma revisão teórica acerca da polêmica do *nascimento virgem*, na forma como aparece na produção antropológica que tem início em 1894,<sup>2</sup> quando se passam a relatar que em certas regiões particulares da Austrália e das Ilhas Trobriand, os nativos não dispunham do conhecimento da relação causal entre cópula e gravidez, o que ficou conhecido na literatura antropológica como problema da ignorância da paternidade fisiológica.

Nesta modesta revisão, interesse-me menos pelas minúcias da polêmica, que tem como seus principais personagens Edmund Leach e Melford Spiro, e mais por certas inflexões, torções e subprodutos seus. Neste sentido, abstenho-me da tarefa de adentrar nos meandros das discussões concernentes aos detalhes da vida sexual australiana ou

---

<sup>1</sup> Este artigo é o resultado de um trabalho de final de curso para a disciplina Organização Social e Parentesco, ministrada pela Profª. Marcela Stockler Coelho, a quem agradeço pelos comentários e sugestões. A condução da pesquisa contou com o financiamento do CNPq.

<sup>2</sup> Aqui me refiro ao livro de Edwin Sidney Hartland, intitulado de *Legend of Perseus*, que, de acordo com Edmund Leach (Leach: 1966) foi o primeiro a notar a dissociação entre cópula e gravidez em certos grupos nativos.

trobriandesa, assim como em seu “sistema de crenças”, em favor de anotações de outras ordens.

Em primeiro lugar, exporei as origens do problema, particularmente na forma como relata Bronislaw Malinowski em *Baloma: The spirits of the dead in Trobriand Islands* (Malinowski, 1916). Evidentemente, trata-se aqui da versão trobriandesa da questão do nascimento virgem, contudo ela parece conjugar os principais aspectos necessários para a discussão seguinte.

Em um segundo momento, trabalharei o debate entre Edmund Leach e Melford Spiro acerca do referido tema, apresentando como ambos os autores articulam diferencialmente as noções de dogma, crença e ignorância, assim como outros conceitos aduzidos no trato com a evidência etnográfica. Decerto que, mais do que saber se a máxima segundo a qual os nativos não percebem uma necessidade causal entre intercuro sexual e gravidez é uma proposição verdadeira, o debate parece resvalar para outras questões e figura, se bem o entendi, como uma espécie foro público para a manifestação de desavenças que não poderiam ser delimitadas simplesmente ao campo dos argumentos.

Logo após descrever o modo como a contenda ganha forma na década de 60, resultando, como era de se esperar, em manifestações diversas de outros antropólogos, sigo com os tratamentos contemporâneos das versões antropológicas sobre as concepções melanésias acerca da procriação. Neste terceiro passo ganha cena o artigo de Carol Delaney de título *The meaning of paternity and the virgin birth debate* (Delaney, 1986), que, recusando-se a tomar parte no debate, parece se interessar por certas concepções que aí estão em jogo, tal como é a noção ocidental de paternidade.

Delaney, de alguma forma, abriu caminho para dois outros tratamentos que figurarão como o quarto tópico, desta vez, dedicados a pensar as re-atualizações da questão do *nascimento virgem* no contexto das novas tecnologias reprodutivas. A este respeito mobilizo o artigo de Marilyn Strathern, intitulado *Necessidade de Pais, Necessidade de mães* (Strathern, 1995), que se interessa por submeter a polêmica inglesa da *síndrome do nascimento virgem* a uma comparação com versão derivada da Oceania. Além do artigo clássico de Marilyn Strathern, digno de nota é o texto de Cris Shore de título *Virgin Birth and Sterile Debates: Anthropology and the new reproductive technologies* (Shore *et. al*, 1992), que associado aos comentários de David Schneider e Jane Colier, relaciona a

antiga polêmica às possibilidades ensejadas pelo nascimento das técnicas de reprodução *in vitro* para certas noções correntes do parentesco euro- americano.

No quinto tópico, tento sugerir uma leitura que se vale da história deste debate para pensar uma interessante sugestão de Tom Monberg (Monberg, 1975) que, se por um lado defende abertamente a leitura que percebe nos nativos uma ignorância acerca dos fatos da procriação, pergunta-se pelos motivos participando na surpresa do antropólogo diante dos modelos melanésios.

The surprising thing about this “ignorance” is not its existence, but the fact that it can surprise us, and that some anthropologists may be willing to submit themselves to all kinds of intellectual acrobatics to explain it away. (Monberg, 1975, p. 40)

No que concerne à constatação de Monberg, sugerirei que o *nascimento virgem* não existe para certos grupos nativos da Oceania propriamente nos mesmos termos que para os euro-americanos. Tampouco estamos diante de outras representações sobre a vida biológica, por que a biologia, pensada como um domínio do invariável, regida por leis fixas de causalidade parece não ter muita vigência entre eles. Diante dos fatos reportados, seria mais conveniente sugerir que estamos diante de dois mundos, duas ontologias particulares.

### **Malinowski e os Baloma**

No famoso artigo de Edmund Leach sobre o nascimento virgem (Leach, 1966), particularmente na nota de número um, o autor comenta que a polêmica acerca da ignorância da paternidade fisiológica entre certos grupos trobriandeses e australianos tem uma longa história na antropologia e encontra seus primeiros proponentes em autores como Henry Morgan e James Frazer. Desde então a questão do nascimento virgem ganha uma centralidade nos quadros do pensamento antropológico, passando a figurar inclusive nas descrições etnográficas de autores como Bronislaw Malinowski. Este ponto o autor desenvolve-o em os *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em *A vida sexual dos selvagens*, mas é em 1916, por ocasião da publicação de *Baloma: The spirits of the dead in Trobriand Islands*, que o vemos ocupando toda uma parte do texto no relato e interpretação dos dados Trobriandeses acerca da procriação.

Não me deterei, para os efeitos deste trabalho, na completa descrição do ciclo de vida dos *Baloma*, ou ainda, dos espíritos dos mortos trobriandeses. Partirei do fato de que se um homem morre novo, seu *Baloma* também será novo, mas este mesmo espírito logo envelhecerá e sua vida em Tuma, a morada dos mortos, logo chegará ao fim. O *Baloma* precisa então reencarnar e, para tanto, converte-se em um espírito-criança.

When the baloma has grown old, his teeth fall out, his skin gets loose and wrinkled; he goes to the beach and bathes in the salt water; then he throws off his skin just as a snake would do, and becomes a young child again; really an embryo, a waiwaia-a term applied to children in utero and immediately after birth. A baloma woman sees this waiwaia; she takes it up, and puts it in a basket or a plaited and folded coconut leaf (puatai). She carries the small being to Kiriwina, and places it in the womb of some woman, inserting it per vagina. Then that woman becomes pregnant (nasusuma). (Malinowski, 1916, p. 403)

Nesta descrição não é feita qualquer referência ao ato sexual como resultante da gravidez. Antes, uma mulher contrai uma gravidez porque um *Baloma* feminino matrilinear tomou o *sprit-child* e logrou colocá-lo no útero de uma mulher. Malinowski credita a esta informação o status de *universal belief*, isto é, trata-se de uma crença não questionada que toda criança só pode ser o resultado da introdução de um *Baloma* na vagina de uma mulher.

Ora, de acordo com o relato de Malinowski se a questão de saber a causa primeira da gravidez está acima de qualquer dúvida, o mesmo não poderia ser dito sobre os modos como os *Baloma* se transferem ou são transferidos para a futura gestante. A este respeito parecem vigorar diferentes versões sobre os *Waiwaia*. Conta-se, como assinalei acima, que depois de se banharem no mar, eles são transferidos diretamente para o útero por uma ancestral matrilinear. Outra versão extingue completamente a função da ancestral e descreve certas regiões do mar onde os *spirit-children* habitam.

Other accounts state that the spirit, after being transformed, goes into the sea and dwells there for a time. There are several corollaries to this version. Thus in all the coastal villages on the western shore (where this information was collected) mature unmarried girls observe certain precautions when bathing. The spirit children are supposed to be concealed in the popewo, the floating sea scum; also in some stones called dukupi. They come along on large tree trunks (kaibilabala), and they may be attached to dead leaves (libu- libu) floating on the surface. Thus when at certain times the wind and tide blow plenty of this stuff towards the shore, the girls are afraid of bathing in the sea, especially at high tide. Again, if a married woman wants to conceive, she may hit the dukupi

stones in order to induce a concealed waiwaia to enter her womb. But this is not a ceremonial action. (Malinowski, 1916, p. 404)

A mulher que tem introduzido o *Waiwaia* em seu corpo, sonha com seu futuro filho e, logo em seguida, conta ao marido que uma criança está dentro dela. Destas descrições, que eu aqui sumarizo, Malinowski conclui que a crença na reencarnação e as visões acerca de um *Waiwaia* sendo inserido nas mulheres excluem qualquer conhecimento do processo fisiológico da concepção.

Contudo, convém notar, entre os trobriandeses uma mulher que nunca realizou um intercurso sexual, não poderia engravidar. Este tipo de informação certamente fez Malinowski rever o seu caderno de campo e inquirir os nativos o porquê de tal afirmação. Diante deste questionamento, concluiu que o sexo só era importante na medida em que figurava como uma ação mecânica que permitiria a abertura da passagem através da qual os *Waiwaia* entrariam. O sexo não representava qualquer contribuição para a formação do embrião, antes, dirigia-se a outras funções.

Malinowski confirma suas teses quando pergunta aos nativos sobre quem seria o pai de uma criança cuja mãe não tinha um marido. De pronto responderam que, obviamente o recém nascido não poderia ter um pai, pois a mulher em questão não tinha um esposo. Com vistas a esgotar todas as possibilidades, insiste Malinowski em perguntar sobre qual seria a função do sêmen; para esta pergunta não obtém outra resposta além da afirmação de que este serviria apenas para a lubrificação sexual e, que não teria qualquer relação com a criança.

Decerto que o mesmo Malinowski que sugere a ignorância nativa acerca dos fatos da concepção, não deixa de lado aquilo que nomeia de *paternidade psicológica ou sociológica*. Cumpre notar, contudo, que esta não se refere a qualquer sentimento de ligação fisiológica com a própria criança. Em última análise, o seu comportamento particular deriva ou é resultado de uma série de obrigações contraídas ao casar-se com sua mãe.

O interessante sobre o caso Melanésio é que os mesmos nativos que Malinowski supunha serem ignorantes quanto à paternidade fisiológica quando perguntados sobre os humanos, quando questionados sobre as causas da gravidez nos porcos<sup>3</sup>, prontamente

---

<sup>3</sup> Existem pelo menos três outros relatos de concepções diferentes acerca da relação entre cópula e procriação para animais e humanos. Estou me referindo aos Tully River Blacks, aos Yap estudados por David Schneider e aos nativos de Queensland descritos por Roth.

respondiam que uma cria só poderia resultar do intercurso sexual entre um macho e uma fêmea.<sup>4</sup>

Malinowski se embaralha com este problema e deixa-o sem resolver. De fato, depois de contrastado com esta evidência do conhecimento das relações fisiológicas para o casos dos animais, sugere inclusive a possibilidade de falha na pesquisa ou o embasamento em afirmações falsas.<sup>5</sup> O autor termina o artigo sugerindo que a ignorância dos nativos acerca dos fatos biológicos da reprodução não pode ser interpretada como um dogma, ao contrário, ela é realmente um tipo de desconhecimento. Desconhecimento que, para ser remediado exigiria além de uma pensamento científico e metódico, um poder particular de isolar os fatos para compreendê-los. Ora, se não estou muito enganado é exatamente a relação entre dogma e ignorância o tema central do texto que Leach escreveu cinquenta anos depois de Baloma.

### **Dogma ou ignorância?**

To the native mind, perhaps the most important idea concerning sexual intercourse is that it is purely a source of pleasure.  
(Austen, 1935, p. 103)

According to all sources copulation was considered a pleasant thing, joke or game. To the direct question of why humans copulated all informants said that it was because people liked it, it tickled, it was the habit of men and women.  
(Monberg, 1975, p. 37)

Malinowski, como aponte nas linhas anteriores, não foi o único a fornecer materiais etnográficos que sustentassem a tese de que certos grupos ignoravam o papel biológico masculino na procriação. Autores como Leo Austen (Austen, 1935) e Tom Monberg (Monberg, 1975) parecem se assentar sobre posições similares.

O argumento de Monberg acerca do problema do nascimento virgem, aqui citado como similar àquele desenvolvido por Malinowski, contém algumas ponderações que, talvez, seja necessário mencionar. Ele atribui a suposta ignorância dos nativos da relação entre cópula e procriação ao vigor de interesses diferentes dos euro-americanos, assim como a filosofias “alternativas”.

---

<sup>4</sup> Neste ponto, Malinowski chega a se questionar sobre a confiabilidade dos nativos, ou ainda, sobre possíveis influências dos colonizadores nos modos, para ele, ambivalentes de perceber a procriação.

<sup>5</sup> Note-se que Edmund Leach explorará fortemente esta incerteza de Malinowski em seu artigo acerca do nascimento virgem.

Certamente falar em filosofias alternativas sugere uma mudança em relação ao que Malinowski entendia como um sistema de crenças, contudo, a anotação feita por Monberg em *Fathers were not genitors* (Monberg, 1975) dificilmente alcança o refinamento crítico de alguém como Edmund Leach em sua conhecida Henry Myer Lecture de 1966, cujo título é *Virgin Birth*.

Neste texto de não mais do que doze laudas Leach pretende se haver com um sem número de problemas relacionados à afirmação corrente na literatura antropológica acerca da existência de grupos que seriam ignorantes quanto à relação entre cópula e gravidez.

O principal cisma entre Leach e os proponentes destes argumentos reside no fato deste não aceitar as caracterizações das descrições nativas dos fatos da vida reprodutiva como um tipo de ignorância. Segundo Leach, nada nos autorizaria a fazer, a partir dos dados resultantes de algumas etnografias, uma inferência direta de que os nativos desconhecem a função do genitor na gravidez.

O que está em questão, é a própria maneira segundo a qual o etnólogo interpreta a evidência etnográfica, desta forma:

What is really at issue is the technique of anthropological comparison which depends in turn upon the kind of 'meaning' which we are prepared to attribute to ethnographical evidence. (Leach, 1966, p. 40)

Note-se que o está em jogo aqui é, fundamentalmente, a natureza das afirmações nativas. Leach entende que tratá-las como reais descrições da maneira como os indivíduos concebem os processos reprodutivos não apenas é um erro, como implica na suposição da estupidez e infantilidade dos interlocutores. Ainda prossegue sugerindo que, se aplicamos um imperativo da simetria, isto é, quando submetemos os dados etnográficos aos mesmos tratamentos que faríamos diante de afirmações cristãs de ordem parecida, teríamos resultados bem diferentes.

Descobriríamos que quando os nativos enunciam proposições sobre a vida reprodutiva, não evocam suas apreensões individuais sobre como o processo ocorre. Antes, vocalizam um dogma, da mesma natureza que os *statements* cristãos sobre o nascimento de Jesus. Nesse sentido:

When an ethnographer reports that members of the X tribe believe that . . . ' he is giving a description of an orthodoxy, a dogma, something which is true of the culture as a whole. (Leach, 1966, p. 40)

De acordo com Leach existiriam boas razões para suspeitar de que os Tully River Blacks ao falarem de sua vida reprodutiva enunciam um dogma, quais sejam:

- a) No momento em que descrevem a causa da gravidez nos animais, não recorrem a outra explicação senão à cópula.
- b) Etnógrafos como Roth, na descrição dos *Tully River Blacks*, teriam estado atentos a concepções extraordinárias sobre a gravidez. Tudo se passaria como se, depois de realizar uma pesquisa nas *fairy tales* euro-americanas, concluíssemos que mulheres engravidam porque comem um tipo X de peixe, ou passam por determinados lugares.
- c) Etnografias diferentes têm sugerido provas contrárias às proposições de Spiro, Hartland e Roth.
- d) O próprio Malinowski teria reformulado suas posições, impondo grande quantidade de incerteza nas afirmações que outrora lhe eram próprias.

Em última análise, o objeto de questionamento de Leach é a própria concepção antropológica de que os nativos ignoravam os fatos da vida reprodutiva. Ora, na visão dos antropólogos proponentes da referida tese, os nativos estariam particularmente propensos a aceitar versões do mito do nascimento virgem.

Aplicando novamente o imperativo da simetria na análise, convém perguntar-se se os teólogos predispostos a aceitar a doutrina da transubstanciação católica seriam completamente ignorantes acerca dos processos químicos implicados no ato. Da mesma forma, o mito do nascimento virgem em contextos cristãos, não parece implicar, para os antropólogos na ignorância das relações reprodutivas. Isto porque, o mito, não se interessa por distinguir conhecimento de ignorância (Leach, 1966), mas, ao contrário, estabelece categorias e afirma certos tipos de relações.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Note-se que esta formulação nós também a encontramos em *Political Systems of Highland Burma* (Leach, 1972)

Sobre estes dogmas<sup>7</sup> cumpre mencionar que, mais do que representar afirmações de caráter mitológico, estes são capazes de dizer algo sobre as sociedades onde os encontramos. Desta forma, em sociedades como o Brasil colonial – a referência é do próprio autor – encontramos um culto muito adiantado na Virgem Maria, que, coincide com sociedades patriarcais nas quais os legisladores são tomados como superiores aos legislados. Leach conclui seu artigo recapitulando algumas de suas proposições e, ao final, enuncia uma máxima similar àquela proferida por Tom Moberg: “Anthropological theories often tell us more about the anthropologists than about their subjects.” (Leach, 1966, p. 46)

### **A resposta de Melford Spiro**

Em *Virgin Births, Pathenogenesis and physiological paternity: an essay in cultural interpretation* (Spiro, 1969), Melford Spiro dedica algumas linhas a responder os questionamentos lançados por Edmund Leach em suas Meyer Lectures.

O ponto central do argumento de Spiro parece girar em torno da suposição de que os *achados* referentes ao nascimento virgem em grupos Trobriandeses e Australianos não são uma *crença cultural*, mas, ao contrário resultam de evidências.

For contrary to Leach's claim, Sharp and Malinowski, Kaberry and Austin, and most of the other who contend that the natives are ignorant of physiological paternity, do not claim it to be an inference based on the Australian cultural belief which they recorded; they claim, rather that - the cultural belief aside- its an *empirical* finding. And they support this claim with a great deal of data.(Spiro, 1968, p. 243)

Ora, depois de estabelecer que os dados sobre a ignorância nativa acerca da paternidade fisiológica são de fato evidências, Spiro segue afirmando que a proposição segundo a qual as descrições dos Trobriandeses ou dos Australianos acerca da procriação não seriam outra coisa que um dogma, seria o mesmo que afirmar que os nativos não acreditam no que dizem.

Ademais, as críticas de Leach a toda uma linhagem etnográfica interessada no problema, particularmente aquelas que caracterizam a questão em termos de uma

---

<sup>7</sup> Não tenho a menor dúvida que o emprego recorrente da palavra *dogma* resulta de um diálogo com Malinowski, que, em *Baloma: The Spirits of the dead* desfaz-se desta categoria para pensar a vida reprodutiva nativa.

*ignorância nativa* lhe parecem impróprias. Isto porque, quando autores como Hartland ou Roth empregam este mesmo termo, não querem, como sugere Leach, descrever os nativos como *estúpidos, irracionais ou infantis*. De outra feita, afirmar a ignorância concerne apenas a este dado da vida reprodutiva, como nos diz Spiro: “To be sure, this conception theory is false: but to hold a false belief is not in itself irrational” (Spiro, 1968, p. 245).

No que concerne ao argumento de Leach, segundo o qual se os Tully River Blacks creditam à cópula uma importância fundamental na procriação dos animais, estes mesmos nativos não poderiam pensar diferente no caso dos humanos, Spiro contra argumenta que as pessoas se representam diferentemente dos animais. Ademais, tratar suas afirmações como um tipo de *dogma*, é ignorar inúmeras etnografias que, recorrentemente, descrevem os Trobriandeses e alguns grupos australianos desta maneira. O mesmo talvez possa ser dito acerca da comparação ensejada por Leach entre o nascimento virgem em grupos nativos e a versão cristã do mesmo problema.

De acordo com Spiro estamos aqui diante de classes de nascimento diferentes. Isto é, enquanto os Trobriandese aduzem aquelas formas de explicação para quaisquer tipos de nascimentos, convém notar que o nascimento de Jesus é o nascimento de um “herói mitológico” e, portanto, pertence à ordem do extraordinário. É porque os cristãos representam o nascimento de Jesus como um milagre, como um evento não ordinário que ele, dificilmente poderia ser comparado aos casos descritos na literatura antropológica da qual Spiro é tributário.

O mesmo Spiro leva o ataque a Leach até as suas últimas conseqüências, quando sugere que mesmo o título empregado no artigo é completamente inadequado. Obviamente isto tem que ver com o fato da polêmica não estar ligada *ao nascimento virgem* na Austrália e nas Ilhas Trobriand, mas a um tipo de nascimento *não procriativo*. Spiro comenta: “ Australian belief is not about virgin births, but about non-procreative births.” (Spiro, 1968, p. 249). Ora, a mesma proposição pode ser sugerida para o caso de Jesus, sobre o qual não se pode dizer que não tenha genitor, mas simplesmente que não tem um genitor humano. (Spiro, 1968) A comparação entre os dois casos é imprópria, porque enquanto no nascimento virgem Australiano e Trobriandês há cópula, no caso da Virgem Maria esta inexistente.

In Australia, conception does not result from copulation, but from the entry of an already formed spirit -child into the vagina. Hence, though the mother is a non-virgin, there is no genitor. In the Christian myth there is a

genitor, and conception does result from fertilization; but the mother remains a Virgin because fertilization occurs without copulation - procreation is aural, not vaginal; semen is spiritual, not physical; genitor is non-human, not human. (Spiro, 1968, p. 249)

### Uma versão estruturalista do argumento

Diante da polêmica encenada por Edmund Leach e Melford Spiro, figuram-se mais do que desentendimentos no que concerne à ignorância nativa acerca da paternidade fisiológica. Encontramos Leach, ao final do artigo, adotando uma solução estruturalista para o problema, que, em última análise, é um tipo de *estruturalismo à inglesa*:

The method which I advocate is the one which Levi-Strauss calls 'structuralist'. Structuralism (in this sense) entails fitting the pieces together to form a pattern. (Leach, 1966, p. 44)

Diante de afirmações que, segundo ele, são claramente não verdadeiras, o procedimento conveniente a ser adotado seria analisar as diferentes partes dos dogmas/mitos, com vistas a, então, reconhecer um tipo de padrão. Nesse sentido, os *mitemas* reconhecidos por Leach são identificados, assim como são os modos particulares como se articulam nas versões cristã, australiana e trobriandesa do problema. Decerto que, nesta *Lecture* proferida por Leach a análise estruturalista não é levada aos seus últimos termos, sendo apenas esboçada.

Um autor que se ocupa em levá-la a cabo é Adré Van Dokkun em um artigo intitulado *Belief systems about virgin birth: structure and mutual comparability* (Van Dokkun, 1997), no qual ressoam os ecos da contenda que opôs Edmund Leach e Melford Spiro. De acordo com Van Dokkun, enquanto Leach sustenta a comparabilidade dos dois dogmas – a versão da Oceania e a cristã – Spiro parece advogar a completa incomparabilidade dos mesmos. Nesse sentido, enquanto Leach trata-os como comparáveis e metafóricos, Spiro sustenta que são não comparáveis e literais. Da parte de Van Dokkun, as duas versões soam comparáveis, contudo, para que isto se realize é necessário estar muito mais atencioso aos dois sistemas de crenças do que, propriamente, a outros meandros da polêmica.

Neither Leach nor Spiro carries his own premises to deductively clear conclusions. Furthermore, both (and others after them) become entangled

in theories about mythology, levels of belief, Oedipus complex, kula exchange, clan organization, western folks beliefs about paternity and so on. All this has made the virgin-birth very complicated. I submit that a more modest approach that carefully examines the structures of belief systems about virgin birth rather than possible correlations with other cultural phenomena is more fruitful. (Van Dokkun, 1997, p. 100)

Para levar a cabo uma análise estruturalista, Van Dokkun dissecou estes sistemas de crença em oito variáveis, ou, como autor prefere *elementary pieces of belief*. (Van Dokkun, 1997). No que concerne às diferenças operantes nos dois sistemas, segundo Van Dokkun elas dizem respeito, fundamentalmente, à maneira como estas peças são combinadas. Van Dokkun conclui o texto afirmando que a questão do nascimento virgem pode ser pensada como um problema de caráter universal, contudo, prevalecem diferenças características a cada cultura. As soluções para este problema, como sugeri acima, variam, e as versões trobriandesas e australianas, além de serem soluções coerentes, independem do conhecimento da paternidade fisiológica.

For the trobrianders and others, it's perfectly understandable that at least some of them took their own denial of physiological paternity literally, not because this disbelief fitted in with their kinship system, religion or psychology but simply because it was one of the possible consistent solutions of a theoretical problem. Other people may have had other solutions and may have used the denial of physiological paternity as a metaphorical way of speaking without literally believing it. (Van Dokkun, 1997, p. 104)

### **A polêmica do nascimento virgem e o problema da paternidade**

Carol Delaney em *The meaning of paternity and the virgin birth debate* (Delaney, 1986) promove uma mudança significativa no tom do debate acerca do nascimento virgem. Não se trata mais de averiguar se os nativos realmente são ignorantes quanto à paternidade fisiológica, tampouco lhe parece ser um exercício legítimo submeter os sistemas de crenças em tela a um tratamento estruturalista.

Delaney se volta para o fato dos antropólogos se interessarem pelo problema e sugere que estes – numa inversão clara do argumento – é que seriam ignorantes quanto à paternidade. Seu interesse, desta feita, reside naquelas suposições em operação na descrição e análise dos sistemas de crenças em suas versões ocidentais e em uma comunidade turca. O foco de seu trabalho é a noção de paternidade:

Paternity is a concept, the meaning of which is derived from its interrelations with other concepts and beliefs; it is not a kind of categorical entity, the presence or absence of which can be established empirically. Because paternity was envisaged as a physical rather than conceptual relation, the debate was undermined from the start. (Delaney, 1986, p. 495)

Delaney sugere que a paternidade no debate acerca do nascimento virgem foi pensada como um fenômeno físico, quando, ao contrário trata-se de entendê-la como um conceito inter-relacionado a outros conceitos e crenças. Nesse sentido, na medida em que o problema do nascimento virgem é sempre colocado em termos da ausência ou presença do conhecimento da paternidade fisiológica, os antropólogos que sobre este tema se debruçaram estiveram, em grande medida, orientados por uma visão de reprodução particular, que se supõe universal e natural.

My argument concerns the same elements but constructs them differently. Procreation is approached as a cultural construction that expresses and reflects categories and meanings of specific cultures. Paternity and maternity are concepts embedded in such a system from which they cannot be abstracted. The meaning of paternity is not, I believe, primarily physiological; instead, the bio-physical elements are utilized for expressing social meaning, for example, gender, authority and kinship. (Delaney, 1986, p. 495)<sup>8</sup>

Nesta passagem revela-se a intuição fundamental do artigo de Delaney: os elementos biofísicos expressam significados sociais e, desta forma, a noção de paternidade fisiológica é ela mesma um construto, montado a partir de uma imagem da natureza que a supõe universal. Em resumo, o argumento de Delaney sugere uma incursão nas concepções euro-americanas acerca da paternidade com vistas a mostrar de que maneira nelas estão implicadas concepções monogenéticas, isto é, concepções que concedem à figura do pai uma importância, com perdão pelo trocadilho, seminal. Neste aspecto, é visível a incomparabilidade com o caso trobriandês, justificada pela ausência de qualquer concepção de paternidade monogenética em sua cosmologia. Já no que concerne ao caso da Virgem Maria, este não é totalmente inconsistente com nossas concepções acerca da paternidade biológica.

Ora, para Carol Delaney, colocar o problema em termos da oposição entre paternidade física e metafísica, resulta certamente em um erro. Ao contrário, cumpre

---

<sup>8</sup> É interessante perceber como o argumento de Delaney ecoa algumas das teses de David Schneider (Schneider, 1980). A ideia de que os elementos biológicos são usados para expressar elementos culturais pode ser tributada a ele.

sugerir que o que está em jogo aqui é uma concepção que dispõe da ideia de paternidade e outra cosmologia para a qual ela está ausente. Decerto que o termo paternidade, tal como concebe a autora, não dispõe apenas sobre o papel do homem na reprodução, ele certamente contém elementos que distinguem este papel dos das mulheres, no sentido de que tem uma precedência no mundo euro-americano.

A crítica de Delaney opera com três dispositivos:

- a) Sinalizar que as concepções acerca da procriação no ocidente são tão construídas, quanto em outras cosmologias.
- b) Desvelar que, a noção de paternidade encerra uma distinção de gênero, baseada em uma supra-importância do pai no processo criativo.
- c) Associar monoteísmo a explicações monogênicas acerca da procriação.

Na passagem abaixo, Carol Delaney resume o tom de sua crítica:

The anthropologist's ignorance of (or lack of attention to) the meaning of paternity in their own culture has made opaque what should have been transparent and created confusion with regard to other people's beliefs about procreation. (Delaney, 1986, p. 508)

### **A polêmica do nascimento virgem e as novas tecnologias reprodutivas**

O debate acerca do nascimento virgem, na forma como vinha se fazendo até 1986, data da publicação do artigo de Carol Delaney, operava com dois temas comuns: etnografias na Oceania que descreviam concepções nativas acerca da procriação e o caso da concepção da Virgem Maria entre os cristãos. Com o advento das novas tecnologias reprodutivas no final dos anos 70, e a sua massificação nos anos 80 e 90, assistimos não só a um crescente aumento do interesse dos antropólogos por esta temática, como vemos o tema que ganhou lugar na antropologia no final do século XIX reaparecer com a discussão sobre a síndrome do nascimento virgem.

#### *A síndrome do nascimento virgem*

Em março de 1991, a revista *The Lancet* publicou um artigo de autoria de Sue Jennings, clínica da Unidade de Obstetrícia e Ginecologia do London Hospital Medical

College, no qual, além de relatar um caso nunca antes visto, Jennings se reportava a seus pares pedindo conselhos.

Tratava-se do caso de uma mulher de 32 anos que nunca tinha tido relações sexuais e que desejava conceber por meio do processo de reprodução assistida. De acordo com Jennings, a equipe médica entendeu que para que ela tivesse sua primeira penetração vaginal sendo usado um instrumento operado pela equipe médica, a paciente deveria ser antes encaminhada para o aconselhamento.

Enviada para o grupo responsável por aconselhá-la, a paciente manifestou o desejo de conceber através das técnicas de reprodução assistida, associadas ao recurso a um banco doador de sêmen. Também se indignou com o envio para o aconselhamento, uma vez que entendeu que a equipe tentava controlar as suas decisões e ainda, que os métodos científicos eram preferíveis às relações sexuais.

My difficulty in counseling these patients is that I am uncertain if I should accept their representations at face value. Are such women genuinely reluctant to enter into a sexual relationship, yet truly want a child? Or does assisted conception represent their desire for sexual relations via technology? In some cases I doubt whether having a child is the primary motivation. (Jennings, 1991, p. 560)

Em 1992, Cris Shore publica um artigo na revista *Current Anthropology* intitulado *Virgin birth and Sterile Debates* no qual pretende avaliar o impacto das tecnologias de reprodução em *in vitro* para as concepções euro-americanas acerca da reprodução. Seu interesse primordial são as implicações políticas e de gênero concernentes ao debate inglês sobre o uso destas tecnologias nascentes e que podiam reduzir-se a alguns domínios delimitados, quais sejam: os problemas éticos envolvidos na possibilidade de experimentação com o embrião fertilizado por meio de técnicas de IVF; a estrutura da parentalidade; os *feminist claims* sobre quais seriam as modificações relacionadas à maternidade e gênero; os impactos destas tecnologias para os debates antropológicos sobre o parentesco.

Não me concentrarei aqui nos comentários de Cris Shore acerca de todos estes temas, no entanto, interesse-me pela comparação que o autor enseja entre a polêmica antropológica acerca do nascimento virgem que data dos anos 60 e o caso descrito acima por Sue Jennings, relativo à síndrome do nascimento virgem. No debate inglês sobre as tecnologias de reprodução assistida, de acordo com Cris Shore algumas questões são

levantadas, tais quais: a relação entre *pater* e *genitor*, uma vez as técnicas de IVF permitem que o doador de gametas seja diferente daquele com quem a mulher mantém uma relação de conjugalidade; a relação entre *genetrix* e a mãe, tendo em vista os casos de *surrogate mother* e também a doação de óvulos. Cris Shore comenta que em ambos os casos o que está em jogo é a questão de saber quem é o responsável pela reprodução. É aqui que aparece a comparação com a polêmica do nascimento virgem dos anos 60:

Single woman wishing to become mothers or women living together rather than in stable heterosexual unions were evidently considered unnatural and morally unsuitable for treatment. This would help explain why the so called Virgin Birth scandall caused such a furore: the idea of women wishing to have children without the normal sexual relations with men that produce them is not only a violation of the ideal of biological fatherhood but also a denial of the nuclear family itself and the sexual union that is thought to be the basis upon which conjugal love, and therefore family love, is built. (Shore, 1992, p. 301)

A interpretação do autor sugere que o escândalo diante do que ficou conhecido como a síndrome do nascimento virgem só pode revelar a ação de instituições interessadas em controlar as formas legítimas de reprodução. Formas estas que supõe certas noções de paternidade e família que, as apropriações diversas das tecnologias de reprodução assistida subvertem.

O artigo de Cris Shore foi alvejado a partir de várias direções. Jane Colier e Carol Delaney (Colier; Delaney, 1992), desde uma perspectiva feminista notam que quando Shore afirma que toda sociedade investe ativamente no controle da reprodução, ele escreve como se a *reprodução natural* pudesse existir fora do alcance de controle sociais. As autoras ainda prosseguem afirmando que na Grã-Bretanha o furor provocado pelo caso *da síndrome do nascimento virgem* não tem nada que ver com a ausência do conceito de paternidade, mas antes está ligada à ausência de sexo na procriação.<sup>9</sup>

O que ocorre é que Shore continua tratando a paternidade como não problemática, uma vez que não questiona o pressuposto fundamental da ideia monogenética de reprodução nas concepções euro-americanas, nas quais as mulheres continuam a figurar como recursos não dispensáveis para a concepção. Em última análise a crítica das autoras incide diretamente em certas suposições de Shore segundo as quais as tecnologias de reprodução assistida transformam completamente nossa nossas

---

<sup>9</sup> Nas páginas seguintes, ficará claro que Marilyn Strathern recupera este argumento de Colier e Delaney

noções associadas à reprodução, ao que respondem sugerindo que as mulheres continuam sendo pensadas como *nurture machines*:

With a little help from new reproductive technologies, unproductive machines can be repaired or replaced by productive ones and defective products can be eliminated or improved so that parental investments in reproduction will pay off with superior offspring. (Colier; Delaney, 1992, p. 303)

Este também parece ser o tom da crítica de David Schneider (Schneider, 1992) ao mesmo artigo:

Shore says that our most basic assumptions about parenthood, procreation, conception, and the family are about to undergo a radical transformation as a result of the social and legal implications of the new reproductive technologies. Nothing could be farther from the truth. (Schneider, 1992, p. 307)

Decerto que a crítica de Schneider é tributária de suas visões desenvolvidas em *American Kinship* (Schneider, 1980), contudo em seus resultados parecem coincidir com os apontamentos de Colier e Delaney, uma vez que entende que as novas tecnologias reprodutivas não mudam a definição cultural sobre o que é ser um pai. De acordo com Schneider a controvérsia se passa não nas definições culturais sobre paternidade, mas, ao contrário, no nível de quem estaria qualificado para estas posições. Schneider ainda comenta que estas definições nunca são definitivas, isto é, estão permeadas de ambivalências, e a referida controvérsia inglesa não faz outra coisa senão explorá-las.

Marylin Strathern em um artigo publicado em 1995, intitulado *Necessidade de Pais, Necessidade de Mães*, desenvolve o mesmo problema ao qual Cris Shore está atento. Em seu artigo o esforço consiste em comparar a polêmica do nascimento virgem, tal como ocorreu na década de 60 e 70, com a questão da *síndrome do nascimento virgem*, que nas linhas acima procurei descrever.

Strathern parece estar alinhada, em alguma medida, aos comentadores do artigo de Shore (Shore, 1992), uma vez que percebe que nesta polêmica o que está em jogo não é propriamente a proteção da família nuclear ou controle das formas de reprodução. Ao contrário, as tecnologias de reprodução assistida colocam em relação parentalidade e procriação:

A relação do ato sexual com a concepção não é, portanto simplesmente uma relação técnica. Serve para reproduzir a parentalidade como o resultado percebido de uma união em que as partes se distinguem pelo

gênero. Fora qualquer outra coisa desempenha por isso uma parte conceitualmente significativa na procriação. (Strathern, 1995, p. 5)

No caso da síndrome do nascimento virgem, Strathern comenta que, ao contrário do que se crê, o choque e escândalo que provoca, não resulta do fato dos clínicos substituírem a relação sexual. De fato, nota Strathern, os clínicos não substituem ninguém, pois as mulheres utilizam a tecnologia para contornar as relações sexuais e não substituí-las.

Os pedidos de utilização de métodos de reprodução assistida por mulheres que nunca se relacionaram sexualmente com alguém chocam porque afrontam a própria relação entre intercurso sexual e reprodução, que Strathern entende como essencial para os euro-americanos. Quando olhamos atentamente para o discurso de Sue Jennings acerca da demanda de uma mulher de 32 anos que desejava filhos e nunca tivera qualquer intercurso sexual, descobrimos que enquanto para os homens pode ser legítimo relacionar-se sexualmente com alguém sem, no entanto, querer um filho que dele possa resultar, no caso das mulheres isto evidencia um problema. Desta forma a questão fundamental para Strathern, não é uma mulher querer conceber sem ter relações sexuais – o caso clássico da reprodução *in vitro* -, mas não querer relações sexuais e desejar ter um filho:

No contexto do circuito familiar considera-se a relação sexual entre os pais como o fundamento do amor conjugal no qual se baseia o amor familiar. O sexo é assim o símbolo da naturalidade do relacionamento do par conjugal, do qual o filho é encarado como um resultado igualmente natural.(Strathern, 1995, p. 9)

De acordo com Strathern o sexo simboliza a necessidade de relacionamentos e o escândalo da síndrome do nascimento virgem nasce do fato de, ao negarem o sexo, as mulheres, de alguma forma, aparentam estar negando os relacionamentos.

Strathern prossegue dizendo que o intercurso sexual faz os pais! Nesse sentido, mulheres com filhos, mas que não desejaram o intercurso sexual aparentemente estão contornando um aspecto fundamental do parentesco euro-americano. Mulheres não podem criar socialidade sozinhas! Isto porque o intercurso sexual não apenas faz o filho, como também faz a mãe:

Especulo que há aqui a sugestão de um papel sexual distinto para o gerador euro-americano não relacionado a concepção em si. Pareceria que não é a constituição do filho que esta em questão apenas, mas a da mãe.

Se assim é o gerador homem num tal pensamento euro-americano não apenas faz o filho sozinho ou na teoria duogenética pela parceria com a mãe também faz a mãe. (Strathern, 1995, p. 16)

Ora, a que vem comparar a síndrome do nascimento virgem com a versão melanésio do debate?

De acordo com Strathern, no caso trobriandês o filho não é concebido, ele está vivo antes de nascer e se implanta na mãe. Nesse sentido a relação entre mãe e filho já está dada antes mesmo dele nascer. No caso Trobriandês, as relações são anteriores, no caso euro-americano, as relações precisam ser criadas.

Em toda a polêmica do nascimento virgem a ausência do papel fisiológico do pai jamais foi entendida como ausência de relacionamento. Foi explicada apenas como ausência de conhecimento. Na verdade, a exclusão do pai do processo de implantação nas Trobriands tem um importante papel a desempenhar ao colocar o filho no contexto de outras relações. (Strathern, 1995, p. 13)

### **Considerações Finais**

No início do texto apresentei como objetivos deste artigo a realização de uma breve revisão sobre o problema do nascimento virgem em suas versões melanésia e inglesa, associada ao trato da questão de saber o motivo de certos antropólogos se impressionarem tanto com os relatos acerca do nascimento virgem e sobre ele se debruçarem.

No que concerne à relação dos antropólogos com este problema, já sugeri na introdução que diante de relatos acerca do nascimento virgem é preciso assumir que não estamos diante de um caso de ignorância nativa dos *factos naturels* da reprodução. Tampouco estamos lidando com outras representações sobre a biologia, porque esta não existe para os nativos da mesma maneira que para os euro-americanos. Como disse no início do texto, diante dos relatos estamos diante de anotações sobre ontologias diferentes, nas quais além da ausência da associação entre paternidade e criação monogenética – que parece informar muitas das nossas concepções de reprodução – dispomos de cosmologias que inserem a relação entre mães, filhos e pais em outros registros, muito distantes das relações causalidade biológica que parecem vigorar entre os euro americanos. Quando os trobriandeses estão falando sobre Balomas, espíritos-

criança, cumpre entender que não estão representando diferentemente os fatos naturais, mas ao contrário, estão falando de algo diferente do que entendemos por reprodução.

Gostaria de me deter sobre uma questão, que parece ter confundido Edmund Leach e outros: o argumento segundo o qual, porque os nativos diziam que os animais se reproduziam por relações sexuais, decerto não poderiam ignorar que o sexo, entre humanos, estava ligado a relações sexuais. Em uma anedota muito interessante, Schneider parece demonstrar o absurdo da formulação de Leach.

Em carta publicada pela revista *Man* (Schneider, 1968), Schneider responde ao artigo de Edmund Leach acerca do nascimento virgem contando-nos um caso que se passa em seu campo entre os Yap, quando repetidamente a ele era dito que a cópula não tinha nada que ver com a gravidez.

Em um episódio no qual Schneider observava a castração de um porco, questionou aos nativos se aquele animal castrado poderia procriar e recebeu uma resposta negativa, que afirmava que porcos que passaram por tal processo não poderiam procriar. Em um novo questionamento, objetou a afirmação dos nativos dizendo: se os homens podem procriar sem ter relações sexuais, por que os porcos não poderiam fazê-lo? De pronto foi respondido: Porque nós não somos porcos!

O erro de Leach foi supor que os trobriandeses e australianos, da mesma forma que os euro-americanos, associam cópula e procriação tanto para o caso de animais humanos, quanto para animais não humanos. Leach, ao mobilizar o argumento do conhecimento da relação entre cópula e gravidez entre os animais, intencionava não ser etnocêntrico – desfazia-se da tese da ignorância – contudo, era logo preso pelas redes que procurava desarmar, ao não entender que existiam diferenças na maneira como os animais diferiam dos humanos no mundo euro-americano e em certas partes da Oceania.

Gostaria de terminar com uma citação presente em *The gift and the given: three nano essays on kinship and magic* (Viveiros de Castro, 2009), a qual, de alguma forma, expressa a origem dos problemas relacionados à interpretação dos antropólogos sobre a questão do nascimento virgem:

Classical anthropological renditions of non-Western forms of kinship are wrong not because they invoke the causal notion of reproduction, but rather because they presuppose a pseudoscientific notion of biological causality. (Viveiros de Castro, 2009, p. 241)

**Rafael Antunes Almeida**

Doutorado em andamento, PPGAS/UNB

[almeida.rafaelantunes@gmail.com](mailto:almeida.rafaelantunes@gmail.com)

Resumo: Datam do século XIX os primeiros relatos acerca de grupos para os quais a cópula não estava associada à reprodução. Numerosos autores se debruçaram sobre este problema, tanto dispostos a sustentar esta afirmação, quanto proferindo críticas ao tratamento de *statements* nativos como “afirmações sobre o mundo”. O debate segue este tom até o início da década de 80, quando Carol Delaney promove uma inversão radical nas linhas correntes de argumentação: em última análise o problema do nascimento virgem não diria respeito à ignorância dos nativos quanto à paternidade fisiológica, mas a uma ignorância dos antropólogos diante do próprio problema da paternidade. Delaney abre o caminho para uma série de outros trabalhos interessados em pensar a questão do nascimento virgem, desta vez associados à polêmica pública britânica da *síndrome do nascimento virgem*. O objetivo deste artigo é compor uma revisão teórica dos referidos debates, menos interessada nos meandros da polêmica e mais dirigida às suas torções, subprodutos e inflexões. Conclui-se com a constatação de que a ignorância antropológica envolta no problema do nascimento virgem resulta de uma adiantada suposição da universalidade da causalidade biológica para ontologias outras e da não atenção para o fato segundo o qual a maneira como os animais diferem dos humanos no ocidente é diferente daquela que os mesmos diferem dos humanos em outras cosmologias. Palavras-chave: Nascimento Virgem, Parentesco, Concepções ocidentais acerca da vida reprodutiva.

Abstract: The first reports about groups for which copulation was not associated with reproduction, are dated in the 19<sup>th</sup> century. Numerous authors have studied this problem or willing to support this assertion, or criticizing the statements of natives as "statements about the world." The debate follows these lines until the early 80's, when Carol Delaney promotes a radical reversal in the flowing lines of argument: Ultimately the problem of the virgin birth would not be related with the ignorance of natives about the physiological paternity, but to an ignorance of the anthropologists on the issue of fatherhood itself. Delaney opens the way for a series of other papers interested in thinking about the question of the virgin birth, this time associated the British public controversy associated with the virgin birth syndrome. The aim of this paper is to compose a theoretical review of these discussions, less interested in the intricacies of the controversy and more targeted to their twists, by-products and inflections. I conclude the paper with the observation that the ignorance wrapped in the anthropological problem of the virgin birth is the result of an early assumption of the universality of biological causality to other ontologies and to a neglect of the fact according to which the way the animals differ from humans in the West is different from that which they differ from humans in other cosmologies. Keywords: Virgin Birth, Kinship, Western conceptions about reproductive life.

## Referências Bibliográficas

- AUSTEN, Leo. *Procreation among the Trobriand Islanders*. Oceania, vol 5, p.102-113,1934/1935.
- DELANEY, Carol. *The meaning of paternity and the Virgin Birth Debate*. Man, New series, vol 21, n<sup>o</sup> 3, 1986.
- JEENINGS, SUE. *Virgin Birth Syndrome*. The Lancet. vol 337,p.559-560,1991.
- LEACH, Edmund. *Virgin birth*. Proceedings of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland.p.39-49, 1966.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Baloma: The Spirits of the dead*. The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. vol 46,p.353-430,1916.
- MONBERG, Torben. *Fathers were not genitors*. Man, New Series, vol 10, n<sup>o</sup> 1,p.34-40,1975.
- MOSKO, Mark S. *On "Virgin birth", Comparability, and Anthropological Method*.Current Anthropology, vol.39, n<sup>o</sup>5,1998.
- SCHNEIDER, DAVID. *American Kinship: a cultural account*.Chicago: University of Chicago Press.p.148, 1980.
- SCHNEIDER, David. *Virgin Birth*. Man, New Series, vol 3, n<sup>o</sup> 1, 1968.
- SHORE,Chris *et al*. *Virgin Birth and Sterile Debates: Anthropology and the New Reproductive Technologies*. Current Anthropology,vol 33,n 3,1992.
- SPIRO, Melford. *Virgin Birth, Pathernogenesis and Physiological Paternity: An essay in cultural interepretation*. Man, New Series, vol 3, n<sup>o</sup> 2,1968.
- STRATHERN, Marilyn. *Necessidade de Pais, Necessidade de Mães*. Estudos Feministas, ano 3, n<sup>o</sup> 2, 1995.
- VAN DOKKUM, André. *Belief Systems about Virgin Birth: Structural and Mutual comparability*. Current Anthropology, vol. 38, n<sup>o</sup> 1,p.99-104 1997
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. *The gift and the given: three nano-essays on kinship and magic*.In. BAMFORD, Sandra; LEACH, James. Kinship and beyond: the genealogical model reconsidered. Bergahahan Books,2009

Recebido em: 06/09/2011

Aceito para publicação em: 10/09/2011